



AGRONEGÓCIO

COLHEITA DE CONILON SERÁ MAIOR ESTE ANO

Expectativa é que produção renda até 8 milhões de sacas de café

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

As condições climáticas proporcionaram um melhor desenvolvimento dos grãos de café, e a perspectiva é que a colheita de 2017 seja maior do que no último ano no Espírito Santo. A expectativa é colher de 6,5 milhões a 8 milhões de sacas de café conilon.

Devido à crise hídrica, o Estado atingiu, em 2016, a pior safra dos últimos 10 anos, com 5,3 milhões de sacas de café conilon produzidas. Houve redução de 2,2 milhões de sacas em relação ao ano de 2015.

O secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), Octaciano Neto, acredita que não será um ano para superar o patamar de 2014, mas tem tudo para ser melhor que 2015 e 2016. Ele aponta que a colheita será superior devido às chuvas dos últimos meses.

“A chuva é o fator decisivo. Com ela teve mais irrigação e os produtores puderam renovar os cafezais. Choveu relativamente bem em outubro novembro, dezembro, fevereiro e março, fazendo com que os índices voltassem a ficar próximos dos padrões his-



Alice Eque Nass espera que, neste ano, sejam produzidas 15 sacas de café na propriedade onde trabalha

tóricos”, explica.

POTENCIAL

Neto aponta que ainda não é a quantidade desejável, pois o Estado tem potencial de produzir mais de 10 milhões de sacas de café conilon. “Dada a realidade de 2015 e de 2016, será uma colheita boa. Mas como tivemos uma crise hídrica é olhar a luz no fim do túnel”, observa.

O secretário pondera

que ainda será um ano difícil para alguns produtores rurais, como no Noroeste e no Norte do Estado, que podem ter uma produção abaixo da média devido às chuvas que não vieram como deveriam.

Para amenizar o problema, Octaciano Neto explica que estão sendo realizadas diversas medidas. Ele diz que houve também um conjunto de ações ao longo do ano para ajudar produtores, como a assistên-

cia técnica e a construção de barragens.

ESPERANÇA

O presidente da Coaobriel, Antônio Joaquim de Souza Neto, acrescenta que a lavoura só vai começar a se recuperar a partir de 2018, só que em 2017 ele reforça que a produção de café conilon será melhor que no último ano devido às condições climáticas. Ele acredita que é um ano de esperança para que

o produtor possa continuar investindo.

“É um momento difícil para todos, mas é um ano para ter esperança, as lavouras já estão mais bonitas. Acredito que será um ano melhor porque o produtor vai produzir mais e aprendeu um pouco com a seca. A gente não tinha noção que seria assim. Não vai dar alta produção, mas no ano que vem será de boa produção se continuar chovendo”, vislumbra.

CONDIÇÕES



“A chuva é o fator decisivo. Com ela, teve mais irrigação, e os produtores puderam renovar os cafezais. Choveu relativamente bem nos últimos meses”

OCTACIANO NETO
SECRETÁRIO DA SEAG

A meeira Alice Eque Nass, de 51 anos, mora em Colatina, no Noroeste do Estado. Devido à crise hídrica, a propriedade em que trabalha produziu apenas uma saca e meia de café em 2016, mas ela acredita que, neste ano, será melhor, e espera colher pelo menos 15 sacas dos 1,5 mil pés de café que restaram na propriedade. “Não dá para recuperar ainda, mas acredito que será melhor.”

Grãos de café serão mais pesados

O secretário da Seag, Octaciano Neto, explica que, como choveu na época em que o conilon estava ganhando peso, a tendência é que o café produzido nesta safra tenha melhor qualidade. A expectativa é que o grão venha maior e mais pesado na colheita deste ano no Estado.

Outro fator que pode interferir na qualidade é a renovação dos cafezais. Ele explica que muitos produtores fizeram a re-

novação por dois motivos: renovação natural e pela falta de água. “Como a chuva castigou demais algumas regiões, o produtor teve que renovar invés de recuperar. Isso pode ajudar a ter uma qualidade melhor porque vai aperfeiçoando o pacote tecnológico, pois muda a adubação e o espaçamento, por exemplo”, comenta.

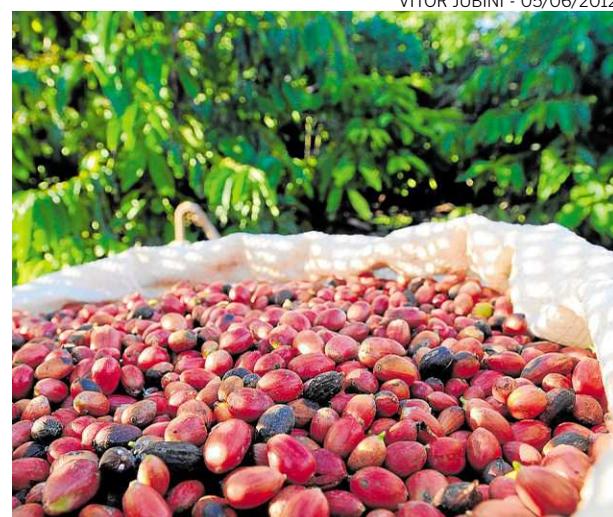
O secretário ressalta que a qualidade também sofre influência após a co-

lheita. “A tendência é o café de melhor qualidade devido às chuvas. Mas não basta só o que acontece antes da colheita, a seagem e a terra também influenciam”, finaliza.

O presidente da Coaobriel, Antônio Joaquim de Souza Neto, acredita que o grão vai estar maior e mais pesado e, por isso, o rendimento será maior. Ele aponta que isso será possível porque as chuvas possibilitaram a irrigação no pe-

ríodo necessário.

“O café estará com rendimento maior por causa da qualidade do grão, que estará maior e mais pesado devido às chuvas do final de 2016 e do início deste ano no Estado. O ano passado teve que ter 12 sacas de café maduro para dar uma saca pilado. Esse ano, acredito que serão menos sacas de café maduro para dar uma saca pilado, o café vai crescer no rendimento”, afirma.



Café: produtores esperam rendimento melhor

VITOR JUBINI - 05/06/2012

PRODUÇÃO CAFEIEIRA

Todos os municípios do Espírito Santo produzem café, exceto Vitória. Sendo que o Norte e o Noroeste são os maiores produtores de café conilon e o Sul de café arábica

Os maiores produtores de café:

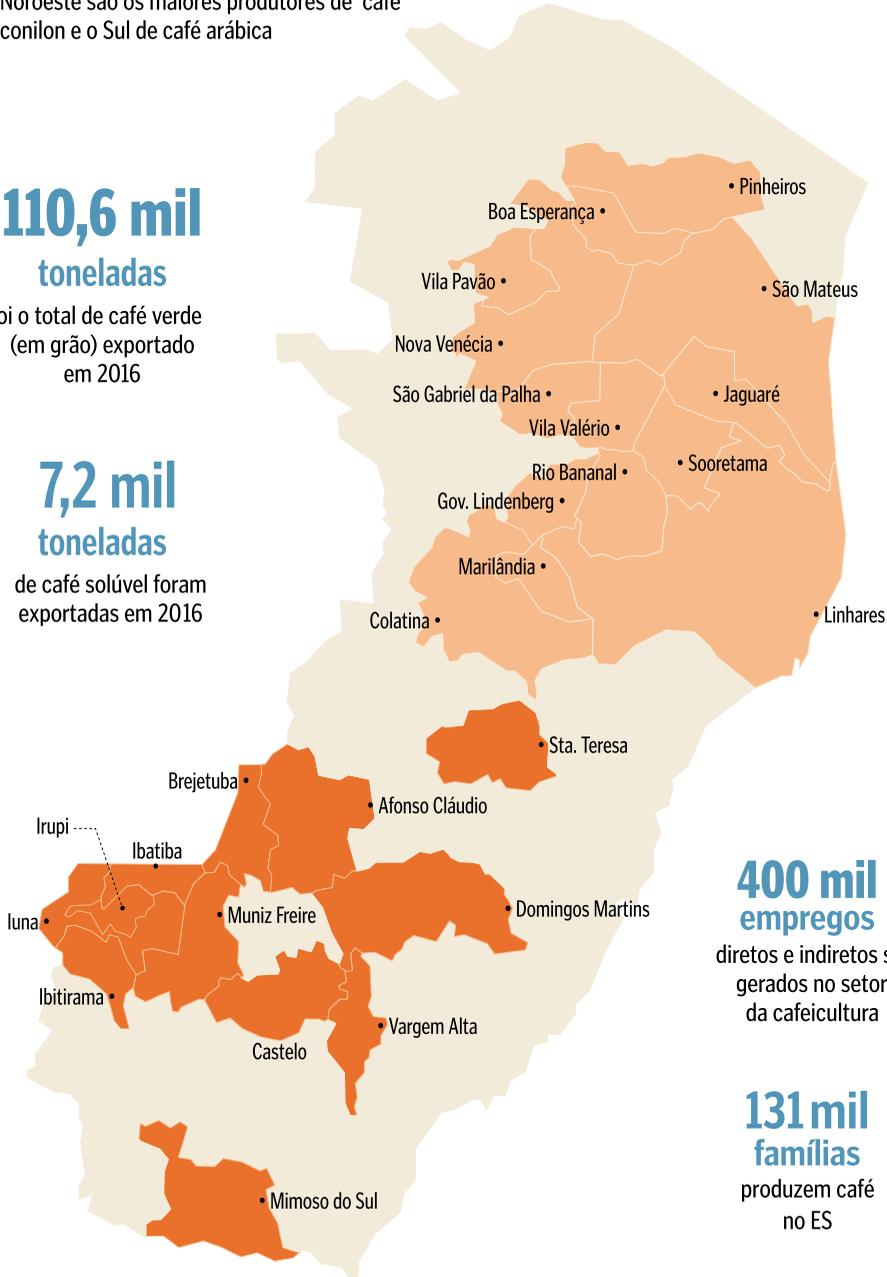
Conilon Arábica

110,6 mil toneladas

foi o total de café verde (em grão) exportado em 2016

7,2 mil toneladas

de café solúvel foram exportadas em 2016



400 mil empregos

diretos e indiretos são gerados no setor da cafeicultura

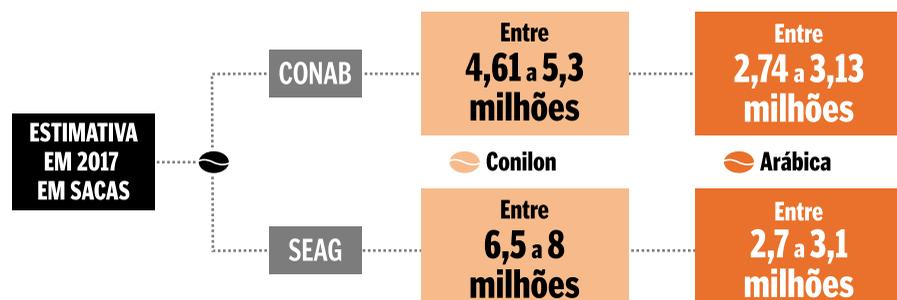
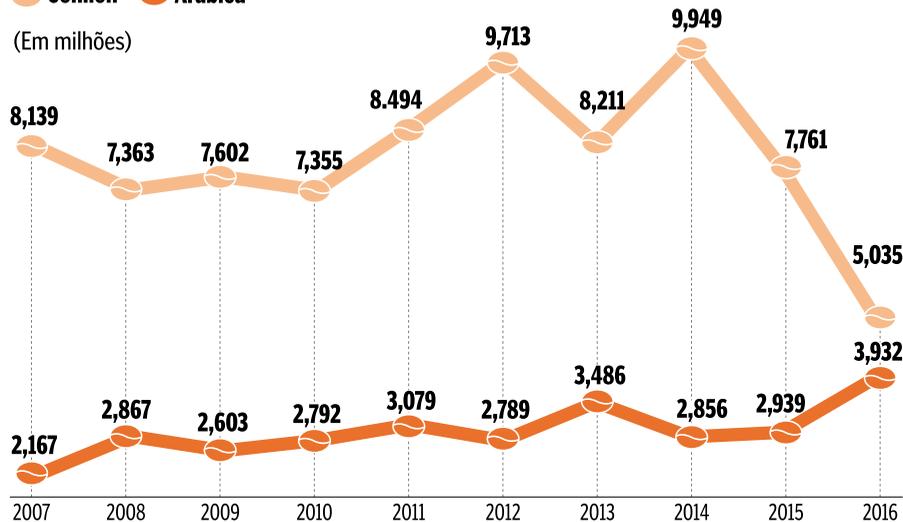
131 mil famílias

produzem café no ES

SACAS PRODUZIDAS

Conilon Arábica

(Em milhões)



Fonte: IBGE

Infografia | Marcelo Franco

MEEIROS TÊM PREJUÍZOS COM SECA

Agricultores precisaram se adequar à nova realidade

A meeira Alice Eque Nass, de 51 anos, que mora em Colatina, no Noroeste do Estado, conseguiu produzir apenas uma saca e meia de café conilon em 2016. Com a baixa produção, ela precisou conciliar a produção de café com outras atividades para conseguir se manter.

Alice foi uma das pessoas que sofreram nas últimas duas colheitas, devido aos danos decorrentes do tempo seco e da falta de chuvas, que fizeram com que produtores e meeiros amargassem grandes prejuízos no Estado.

Para conseguir sobreviver sem o dinheiro do café, a meeira mudou um pouco a produção e passou a plantar, por exemplo, milho, feijão e aipim. “Não dá para recuperar ainda, e estamos colhendo outros alimentos para conseguir sobreviver. Tem o tíquete-alimentação do meu filho e também vendemos algumas sacas que estavam guardadas. Ficaria di-

fícil se não fosse por isso. O café ainda não dá para contar neste ano, apesar da expectativa de colheita ser maior”, lamenta.

DÍVIDAS

Muitos meeiros também chegaram a ficar endividados como os produtores e, até hoje, sentem os efeitos da crise hídrica, como o meeiro Ademar Hommer, de 51 anos, também de Colatina. Na propriedade, são 10 mil pés de café, mas em 2016 não conseguiu produzir nada.

“Estamos com dívidas para pagar, como com o adubo, e não tem como honrar o compromisso porque não deu café. Todo mundo vai se virando. Tem a aposentadoria da família que ajuda a comprar comida, mas tem dois anos que não compro uma calça e uma camisa”, reclama.

Ele explica que toda a família precisou se adequar à nova realidade e conciliar o serviço do campo com

outros afazeres. O filho é músico e a mulher faz faxinas para ter uma renda extra dentro de casa. “Está tendo o esvaziamento da roça que é absurda. O pessoal está indo atrás de emprego na cidade.”

TENTATIVA

O meeiro Leandro Bassoni largou a produção de café nos últimos dois anos e optou por trabalhar na propriedade ganhando R\$ 50 por dia. Ele decidiu que, neste ano, vai voltar a produzir café, principalmente na propriedade em que comprou. Ele plantou 10,5 mil pés de café há nove meses, com a expectativa de que venha chuva.

“Na propriedade que comprei tem água e vou me arriscar. Eu também conversei com minha patroa e a intenção é arrancar alguns pés de café e ir renovando aos poucos. Espero que o poder público possa ajudar o produtor rural porque está muito difícil”, finaliza.

BRUNELA ALVES



Ademar diz que a família passou a fazer mais tarefas para compensar perdas com café